

<http://amazoniareal.com.br/belo-monte-atores-e-argumentos-10-a-divisao-do-movimento/>



Belo Monte – Atores e argumentos: 10 – A divisão do movimento



[Philip Martin Fearnside](#) | 30/10/2017 às 19:41

Em 2008, a parte do Movimento pelo Desenvolvimento da Transamazônica e Xingu (MDTX) que estava contra Belo Monte separou-se para formar o Movimento Xingu Vivo para Sempre (MXVPS), mais conhecido simplesmente como “[Xingu Vivo](#)”. Xingu Vivo foi fundado em maio de 2008 no Segundo Encontro dos Povos Indígenas do Xingu. Esse grupo, liderado por Antônio Melo, tornou-se (e continua a ser) a organização de base principal contestando Belo Monte.

Os “sites” das diferentes organizações dão a impressão de que todos têm uma história contínua de luta conjunta para objetivos comuns. Não são relatados os vários desentendimentos e separações nestes grupos. Divisões adicionais entre os adversários locais da represa ocorreram como resultado de uma visita a Altamira pelo Presidente Lula em junho de 2010 ([1], p. 277; [2]), onde, em um comício realizado no estádio de futebol da cidade, os organizadores do evento conseguiram agravar as divisões entre organizações sociais locais (Marcelo Salazar, declaração pública, 29 de janeiro de 2016). Antigos aliados acabaram gritando um com o outro através de uma barreira policial ([1], p. 277).

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) tem sido um importante grupo nacional, opondo-se a barragens desde a sua fundação em 1991 (e.g., [3]). No entanto, o MAB está aliado ao PT e ajudou na campanha presidencial de 2002. Quando o PT venceu as eleições e posteriormente fez Belo Monte uma prioridade, o MAB suavizou a sua posição em nível nacional.

O MAB só chegou em Altamira em 2009, onde concentrou-se na organização de moradores urbanos que seriam desalojados em Altamira, para exigir uma indenização melhor ([4], p. 70).

Em 2009, o Dom Erwin criticou o MAB publicamente por abandonar a sua oposição à Belo Monte como uma reflexão do fato de que a defesa do grupo para a população deslocada logicamente seria necessário que o projeto de barragem seguisse para frente ([1], p. 277-278).

Os adversários não indígenas da barragem se originaram de três grupos distintos. Um é os residentes urbanos de Altamira que foram deslocados, oficialmente 5.141 famílias urbanas ([5], p. 12) ou cerca de 25.000 pessoas. O segundo grupo são os moradores ribeirinhos tradicionais que viviam no litoral e ilhas no que agora é o reservatório de Belo Monte (3.568 famílias ou cerca de 18.000 pessoas) ([5], p. 13) e os ribeirinhos ao longo do trecho de “vazão reduzida” da Volta Grande do Xingu, que também perderam seus meios de subsistência da pesca (e.g., [6]).

Este autor teve o privilégio de passar algum tempo com ribeirinhos no que é hoje o reservatório, enquanto orientava uma dissertação de mestrado sobre seus meios de subsistência [7, 8]; os conhecimentos e capacidades dessas pessoas serão de pouca utilidade no projeto habitacional no travessão nº 27 (uma estrada vincinal que ramifica da Rodovia Transamazônica), onde essa população foi forçosamente realocada (e.g., [9]; [5], p. 126).

Os pequenos agricultores são o terceiro grupo em áreas de colonização da Rodovia Transamazônica perto de Altamira (hoje este grupo é dividido, muitas pessoas tendo trocado de lado para dar suporte à barragem). [11]

A fotografia que ilustra esse artigo é de Antônia Melo, liderança do Movimento Xingu Vivo (Foto: Ana Mendes/Amazônia Real)

Notas

[1] Bratman, E.Z. 2014. Contradictions of green development: Human rights and environmental norms in light of Belo Monte dam activism. *Journal of Latin American Studies* 46(2): 261–289. Doi: 10.1017/S0022216X14000042

[2] Salm, R. 2010. [Lula em Altamira: a “democracia” acompanhada de forte aparato militar](http://xingu-vivo.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html). *Xingu Vivo*, 30 de junho de 2010. http://xingu-vivo.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html

[3] Rothman, F.D. 2001. A comparative study of dam-resistance campaigns and environmental policy in Brazil. *Journal of Environment & Development* 10(4): 317–344. Doi: 10.1177/107049650101000402

[4] Bratman, E.Z. 2015. Passive revolution in the green economy: activism and the Belo Monte dam. *International Environmental Agreements: Politics, Law and Economics* 15: 61-77. Doi: 10.1007/s10784-014-9268-z

[5] Villas-Bôas, A., Garzón, B.R., Reis, C., Amorim, L. & Leite, L. 2015. *Dossiê Belo Monte: Não Há Condições para a Licença de Operação*. Instituto Socioambiental (ISA), Brasília, DF. 55 pp. Disponível em: <http://t.co/zjnVPhPecW>

[6] De Francesco, A. & Carneiro, C. (Eds.) 2015. *Atlas dos Impactos da UHE Belo Monte sobre a Pesca*. Instituto Socioambiental (ISA), São Paulo, SP. 64 pp. <https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/atlas-pesca-bm.pdf>

- [7] da Silva-Forsberg, M.C. & Fearnside, P.M. 1995. Agricultural management of caboclos of the Xingu River: A starting point for sustaining populations in degraded areas in the Brazilian Amazon. pp. 90-95 In: Parrotta, J.A. & Kanashiro, M. (Eds.) *Management and Rehabilitation of Degraded Lands and Secondary Forest in Amazonia*. international Institute of Tropical Forestry, U.S.D.A. Forest Service, Rio Piedras, Puerto Rico. 246 pp.
- [8] da Silva-Forsberg, M.C. & Fearnside, P.M. 1997. Brazilian Amazonian *caboclo* agriculture: Effect of fallow period on maize yield. *Forest Ecology and Management* 97(3): 283-291. doi: 10.1016/S0378-1127(97)00070-4
- [9] da Silva-Forsberg, M.C. & Fearnside, P.M. 1997. Brazilian Amazonian *caboclo* agriculture: Effect of fallow period on maize yield. *Forest Ecology and Management* 97(3): 283-291. Doi: 10.1016/S0378-1127(97)00070-4
- [10] Fearnside, P.M. 2017. Belo Monte: Actors and arguments in the struggle over Brazil's most controversial Amazonian dam. *Die Erde* 148(1): 230-243. Doi: 10.12854/erde-147-18.
- [11] As pesquisas do autor são financiadas exclusivamente por fontes acadêmicas: Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 305880/2007-1; 5-575853/2008 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125). Agradeço a Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça pelos comentários. Esta é uma tradução atualizada de [10].

Leia os artigos da série:

[Belo Monte – Atores e argumentos: 1 – Resumo da série](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 2 – A pergunta do por quê](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 3 – As empresas e as doações](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 4 – A corrupção confessada](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 5 – A ação da Dilma](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 6 – A máquina judicial](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 7 – A Igreja e as ONGs](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 8 – Grupos indígenas](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 9 – O início do movimento contra](#)

Philip M. Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).